

Alma Nova

Revista Ilustrada
de Propaganda Algarvia

: LITERATURA : SCIENCIA : CRITICA : E : ARTES :

Ano I

N.º IV



TRECHO DO ALGARVE — HORTA DA ATALAIA

(Esquisso de D. Maria A. Pires Chaves).

LISBOA

1 de Janeiro de 1915

FARO

Redacção e Administração

Rua da Procissão, 91, 3.º

Composição e Impressão

A MODESTA

57, Rua do Mundo, 59

Não se restituem autografos

Director, Proprietario e Editor

MATEUS MARTINS MORENO

Secretario da Redacção

J. A. ASCENSÃO CONTREIRAS

ASSINATURAS

Portugal, Ilhas e Colonias, 1 ano 500 rs.
Estrangeiro..... 3 lrs.
Brazil (moeda traca)..... 2\$000 rs.

Pagamento adiantado

AVULSO 40 REIS

ANUNCIOS

1 pagina..... 5\$000 rs.
1/2 pagina..... 2\$600 rs.
1/4 de pagina..... 1\$600 rs.
1/8 de pagina..... 800 rs.

Permanente, contrato especial

Representante e Correspondente

JOSÉ DIAS SANCHO

Avenida 5 d'Outubro

onde podem ser tratados todos os assuntos que não digam respeito á administração.

Só se publicam inéditos



Alma Nova

Revista Ilustrada de Propaganda Algarvia

: LITERATURA : SCIENCIA : CRITICA : E : ARTES :

Director, Proprietario e Editor

Mateus Martins Moreno

Redacção e Administração

RUA DA PROCISSÃO, 91, 3.º

LISBOA

Secretario da Redacção

J. A. Ascensão Contreiras

Composição e impressão

A MODESTA

57, Rua do Mundo, 59—LISBOA

Colaboração dos melhores escritores e artistas do Algarve

COSTUMES DO ALGARVE

O Natal, as Janeiras e o Ano Bom

A festa do Natal é uma das festas mais antigas do cristianismo e aquela que mais poesia e mais encanto inspira na alma do povo. Em todo o mundo cristão, o dia de Natal é celebrado com grande cerimonia, devoção e geral agrado.

Mas o carácter e a indole do povo imprime-lhe costumes distintos de paiz para paiz e até mesmo de provincia para provincia.

Em Portugal, por exemplo, o Natal do Minho apresenta-se diferentemente do do Algarve.

Ora é sobre o Natal e o ano Bom desta ultima provincia que me proponho falar.

O aniversario de Jesus Cristo, como toda a gente sabe, convencionou-se celebrar no dia 25 de dezembro; mas aqui, no Algarve, pode dizer-se, a festa começa na tarde do dia 24. É neste dia que, principalmente no campo, toda a gente *arma o Menino*.

Armar o Menino é preparar-lhe um altar e coloca-lo em exhibição, do Natal ao Reis, com o seu vestido azul celeste e a sua medalhinha ao pescoço.



CARREGANDO O BURRINHO (Arredores de Faro)

(Cliché de F. Salesio Padinha)

O altar, que tem a magestade dum trono, dá-nos, todavia, a humildade das palhinhas onde o Deus-Menino nasceu! É que o Menino Jesus, que no seu presepio parece subir para a côrte celestial numa nuvem

dourada de luz que profusamente o ilumina, invoca á alma bondosa e crente do povo, a sua camilha de palhas, o seu berço de pobreza!

Quem arma o Menino tem sempre o orgulho de o fazer com mais arte, mais engenho e mais pompa do que todos os outros, como se por isso recebesse dos Céos um premio de salvação.

É por essa razão que a maneira como se *armam* os presepios varia de casa em casa, aparecendo, todavia, em todos, o verde escuro da murta com o verde côr de esperança das cearas que a mão cuidadosa da donzela semeou propositadamente, em chaves e pires, para adorno do presepio.

Não faltam tambem ramos de laranjas, a lembrarem-nos, na poeirada da luz, as constelações de estrelas que presenciaram o nascimento do Nosso Senhor.

Levantado o presepio, traz-se

para a lareira o madeiro do Natal, que opera certos milagres... Assim, a pessoa que chegar a vêr nove madeiros, livra-se da dôr de cabeça durante o ano...

Perto do madeiro todos se sentam a *acariejar* bojudas garrafas de vinho, que o misticismo da idade media derramaria sobre o madeiro *em nome do Pai* (segundo exclamação sua), mas que hoje se acha mais *positivo* vertê-lo no estomago e em cantigas gritar: *em nome da santa alegria*...

É então que começam os cantos em louvor do Deus Menino.

Cantemos, vamos cantar,
Cheios de santa alegria,
Que nasceu o Deus Menino
Filho da Virgem Maria.

Nasceu em pobre arramada,
Onde boi e mula havia,
Sem manta, nem cobertores,
Em uma noite tão fria...

O' meu Menino Jesus,
A vossa capela cheira,
Cheira a cravos, cheira a rosas,
Cheira a flôr de laranjeira.

Senhores, dêem licença,
Vou acender uma vela,
Que é nascido o Deus Menino,
Redentor do Céu e Terra.

Vem a meia noite e os mais devotos, que vivem não muito longe das igrejas, vão ouvir a *missa do galo* e, em seguida, *fazer a meia noite*, costume deveras interessante que parece ter origem nos misterios da Natividade, que ha pouco mais dum seculo se realisavam em Valadolid. Consiste ele, em comer um saboroso pedaço de carne de porco ou, mais usualmente, uma boa linguiça, de mistura com uma ração de bolotas que guardam para esta noite.

É claro que a tudo isto se junta o belo vinho novo...

Mas caso estranho! o Baco que bestializa sempre e que é, aqui e em toda a parte, a causa de desordens e *guerreias*, dispensa nesta noite os seus adoradores de entrarem em luta... naturalmente para não empanar a alegria da festa do Natal, a festa sagrada da Família.

É neste dia de Natal que as raparigas visitam os presepios, atrahendo-lhes cantigas e, ás vezes, improvisando bailes junto do Deus Menino, com tanta animação como o entusiasmo religioso com que ou-

trôra David dançou junto da arca santa e os hebreus em redor do bezerro d'ouro.

É o dia que a mesa do pobre, embora não tenha a embelezal-a as mimósas flores que ornamentam a mesa do rico, tem, comtudo, o mesmo perfume inebriante, o mesmo aroma delicioso — a alegria.

É a esta mesa que todos se sentam perpassados pelo mes-fluido de jubilo.

Este ano, porém, posso afirmar-lô, o céo festivo em que se miravam as almas de certas familias, nem sempre foi lim-pido como as manhãs risonhas de maio! Surgiram nuvenzinhas de tristeza, creadas pela ausencia de seus filhos, que mareharam para Africa.

Recordaram-nos com dôr e, tal como' os francêses *enviam* para os missionarios da Groenlandia e os colonos da Africa, as arvores de Natal, para aproximar do seu coração a patria ausente, assim essas familias mandaram a seus filhos, nas azas de um pensamento, uma saudade, uma terna saudade!

*

Chega-se á vespera do Ano Bom, e ranchos de rapazes e raparigas percorrem diversás casas, cantando as janeiras.

São descantes que irrompem de corações frementes de contentamento, mas que flutuando nos ares silenciosos da noite, parecem coar na nossa alma uma nostalgia mística!

São cantos entoados ao Deus Menino, mas que visam a esmola dum prato de filhós, um pedaço de carne, algum dinheiro para vinho, etc., como nos confirmam alguns dos seus versos:

Eu não venho por queijadas,
Que este ano não houve leite,
Venho só p'las coisinhas
Que se fritam em azeite.

Ou então:

Eu não venho por queijadas,
Que este ano não nas houve,
Mas p'r'um bocado de carne
Para a minha mãe pôr couve.

Para umas vezes atraiem a esmola, outras vezes agradecerem ao dono da casa onde cantam, tem cantigas especiaes:

Inda lhe jogo mais esta
Por cima do seu telhado;
Deus lhe dê muito bom tempo
Prô que tiver semeado.

Porém, quando não alcançam o que desejam, atiram quasi sempre *chacolas* como estas:

Esta casa, não é casa,
E' casa d'algun escrívão;
Tem a mulher bexigosa,
A filha como um tição.

O toacinho é muito duro,
Uma luca não o corta,
Mande dar a esmolinha
Senão faço *asneira* á porta.

Mas nem sempre os janeiros cantam para obter a esmola referida, ás vezes querem a esmola mas... para o coração:

Senhora que está lá dentro,
Deixe-se estar que está bem,
Mande-nos dar a esmola
Por uma *filha* que tem.

Vem, finalmente, o dia de Ano Bom, com o seu condão de reflectir sobre todos os dias do ano a mesma luz que o doura.

Grande dia este para se architectarem fantasias! Todas as venturas, todas as felicidades, todos os bons actos da nossa vida hão de se transmitir magicamente para os 364 dias seguintes.

E' por issó que todos querem estrear neste dia alguma coisa, exactamente como os romanos queriam trabalhar durante este dia para trabalhar o ano inteiro.

Apoiado na mesma crença ingenua, fazem-se dádivas no Ano Bom, para se dar e receber todo o ano.

Chovem filhós, bolos e vinhos finos e... felicitações como esta: *boas saídas e melhores entradas*...

Para encerrar este dia com prazer, realisam-se bailes em toda a parte; nas cidades, nas vilas, nas aldeias e nos campos. São os *balhos* do campo os mais característicos do Algarve e os que mais graça tem. São bailes que Carlos VI invejaria para o seu casamento e que causariam admiração a Palades e a Batilo...

E assim desaparece, envolto num manto de esperanças, o dia que é, por assim dizer, o programa do ano novo, o qual se hade cumprir fielmente, segundo a crença popular, embora surjam *motivos imprevisíveis*, principalmente no que diz respeito às *jurás* e promessas que fazem os nanorados.

Loulé.

José Guerreiro Murta.

Para os pequeninos

Não é uma história de fadas ou de princesas encantadas, com dragões a guardar-lhes o sono de séculos e príncipes que voem de longes terras montados em brancos corceis, velozes como o pensamento, para lhes quebrar o encanto, a que vos vou contar, meus pequeninos amigos. É um facto verdadeiro, sucedido há dias num collegio de meninas, risonhas e lindas como flores em botão, bondosas e meigas como dizem ser os anjos do Paraíso.

Entrara-se no novo ano lectivo, e as creanças apresentavam-se nesse dia com os seus livros novinhos, em folha. As que tinham passado de classe estavam delirantes de alegria e não se cansavam de folheá-los, examinar-lhes as estampas, trocando a meia voz impressões sobre um outro ponto que lhes prendera a atenção.

Entre ellas havia uma gentil menina de 8 anos, de profundos olhos negros impregnados de tristeza. Era uma orfãzinha de pai. A mãe, uma pobre costureira, muito honesta e trabalhadora, mal ganhava para o seu sustento e o das suas duas fillinhas; por isso, a directora do collegio leccionava a pequenita gratuitamente, votando-lhe uma grande estima a favor-recendo-a quanto lhe era possível.

A pequena assistia calada ás manifestações de regosijo das condiscipulas, mas no seu rosto pálido e nos seus grandes olhos húmidos lia-se a amargura em que se debatia o seu pequenino coração.

Uma das meninas adivitou que se aproveitasse a hora do recreio, em vez de perdê-la em brincadeiras inúteis, para resolverem os problemas da primeira pagina do caderno. O alvitre foi recebido com alvoroço e todas pegaram nos seus caderninhos. Só a orfãzinha se conservava impassível. Diz-lhe uma: — Amalia, pega no teu caderno.

A creança, ouvindo estas palavras, prorompeu num choro convulsivo.

Outra pequena de 10 anos, rosada e robusta, uma verdadeira flor campuzina, pergunta-lhe entre compassiva e admirada: — Mas porque choras tu?

A pequerrucha, entre soluços, responde: — Porque sou tão infeliz que nem possuo os livros que me fazem falta!

A outra fitou-a tristemente e ficou silenciosa por alguns momentos. Depois, a face illuminada por um sorriso angélico, o olhar a transluzir a satisfação duma idéa feliz, volta-se para as companheiras e diz-lhes: — A Amalia não tem livros, porque a mãe sendo tão pobrezinha não lhos pode comprar, mas nós vamos dar cada uma uma moeda de vintem e junta-se assim o dinheiro necessario para a compra dos livros que lhe fazem mais falta. Vou já dizer a todas as meninas. A orfãzinha não pronunciou uma só palavra, mas fitando na boa menina os seus lindos olhos, numa expressão em que a admiração se aliava ao reconhecimento, escondeu no colo o rosto orvalhado de lagrimas...

LETRAS ALGARVIAS



CANDIDO GUERREIRO

Ave-Mater

*Ajoelho ante o seu berço, e os olhos fito
Onde ela o vago olhar tigemmo eleva...
Que mística harmonia cithão me enleva,
E como esplende a curva do infinito!*

*Bemdito, oh Mãe, o nosso amor, oh Eva
Imortal e feliz! Seja bendito
O beijo que acendeu um aerolitho
Por sobre a nossa desolada treva!*

*Floresce e canta agora o nosso ninho,
E oh milagre suave de bondade!
Cada gota de leite que o filhinho*

*Em ti mamma é uma hostia sacrosanta,
E' vida, é sangue, é alma, é divindade...
E' Deus Nosso Senhor que se elevava...*

Candido Guerreiro

Uma das creanças, impressionada, ainda que compreendendo obscuramente todo o valor moral daquêlê altruismo infantil, foi contar tudo á professora. Esta sentiu que os olhos se marejavam de lagrimas, e foi numa comoção intraduzível que se aproximou das pequenitas e puxou para si a bemfazeja criança, depondo-lhe um beijo na face rosada ao mesmo tempo que lhe dizia: — E' belo o teu procedimento, Maria Isabel! E quero ser a primeira a contribuir com o meu óbulo para a realização duma acção tão generosa e sublime. E tu, Amalia, abraça a tua bondosa amiguinha e não esqueças jamais este rasgo de inefável caridade!

A orfãzinha, vencendo finalmente a sua comoção e timidez, uniu no mesmo amplexo a professora e a condiscipula.

Algumas creanças entregaram immediatamente á professora as suas pequeninas moedas; outras, ao regressarem a casa, contaram ás mães o acontecimento emocionante do seu dia escolar; e a maior parte destas, sensibilizadas pela pobreza da orfãzinha e pela bondade da sua pequenina amiga, enviaram diversas quantias, juntando-se rapidamente o dinheiro necessario para a compra dos livros e ficando ainda alguns centavos que a professora mandou entregar á mãe da pequenita, para que ella o empregasse em qualquer coisa de que esta carecesse.

Não é um conto de fadas, nem eu sei alindar a historiazinha com primores de retórica, que vós tambem não compreenderíeis; mas não é verdade, meus aniguinhos, que em vossos corações brotou expontaneamente pela bondosa Maria Isabel um sentimento fagueiro, mixto de simpatia e admiração, e que, se pudesseis, queríeis ser tambem protectores da ga-lante e estudiosa orfãzinha?!

Outubro de 1914.

Laurinda Serytram.

Sobre o nosso programma

Embora no primeiro numero estebelecemos a rota orientadora da nossa attitude, — mais digna da atenção dos algarvios, diga-se de passagem, —nem por isso muitos dos nossos leitores parecem estar bem firmes no proposito da *Alma Nova*. Pois vamos repeti-lo:

• E percuressora dessa *alma nova* que ha de transformar a humanidade, uniformisa-la, perfectibilisar o ser, tornar a vida mais livre das ambições nefastas e dos tormentos do viver, a nossa humilde folha, procurando assentar-se em todos os lares, menos presuando sacrificios e contrariedades, só pensará manter-se tão proveitosa quanto necessaria o estava sendo.

Orgão de todos quantos nas suas colunas quizerem erguer o éo de sãs doutrinas, representar-se-ha, contudo, em Faro, Lisboa e Coimbra, como defensor das letras, da classe estudiosa e dos interesses do Algarve.

Colaboração dos mais distintos escriptores da risonha e encantadora provincia para que vão todos os nossos disvoles, enalteceirão e farão, decerto, sempre acaudados todos os seus numeros, onde sempre palpitará a alma de uma mocidade crente e esperançosa.

Aperfeiçoar a alma, revestindo-a da *sciencia do dever* e educa-la com o exemplo luminoso dos mestres; defender e propagar o bom nome das letras e belezas algarvias, — eis as ideias que nos animaram no programma de entrada.

Nunca viríamos apoquentar o público, para com o seu óbulo (a insignificancia de 50 centavos anuais) fortalecer os nossos intuitos, demais em tempos tão dificeis, se da realisação dêstes não reconhecessemos a tão ditada urgencia. O simples intuito de fazer jornalismo não viria roubar-nos a quietude do espirito; mais nobres inclinações nos arrastaram sempre a este campo tão espinhoso.

Possuindo escriptores dos melhores de que o paiz se orgulha, artistas, homens de sciencia que fazem o brilho de academias, e todo um sorriso de côr inêdito na harmonia casta das suas paisagens, onde havia uma publicação que a retratasse, que fizesse valer bem o nome da nossa tão formosa provincia?

A *Alma Nova* deve todo o algarvio os foros dessa altruistica iniciativa. Nascou entre o indifferntismo e desanimados conselhos de muitos, mas viverá. Avançaremos sempre sem nada nos desanimar, — pois que o nosso caminho é cheio de gloria, e até talvez possâmos zombar dos que entre o sardonismo da sua impotencia pensavam já poder contar-nos os dias de vida.

As nossas paginas e os fructos da nossa acção, que é nobre, saberão, porém, mostrar quais os verdadeiros amigos do Algarve.



D. MARIA VELEDA
Talentosa escritora algarvia

A Psicologia da Treva

Ha uma alma na Treva. Uma alma negra como ela, tragica como ela, como ela feita de toda a agonia e de todos os horrores.

Ha uma alma na Treva...

O vento sibila como um condenado, desgrenha as arvores, geme elegias sobre as velhas torres deseconjuntadas. E' a alma da Treva que o apunhala, é a alma da Treva que o enclodece.

Torcem-se os pinheiros em convulsões, o temporal range no cordame dos navios, ondas encapelam-se, rasgam-se no espaço os sudarios da procela. E' a alma da Treva que sofre, é a alma da Treva que se lamenta...

Tenho-a sentido nas noites imensas, em que horriveis espectros me perseguem com as suas gargalhadas infernaes — o cortejo interminavel dos meus desalentos, dos meus enganãos, dos meus ferozes desesperos. Tenho-a sentido — a alma soluçante da treva...

Laminas cruzam-se com fulgores crus que fazem arripiões. Visões estranhas entoam convulsas litánias. E ha olhos de braza que espreitam, e ha bocas desdentadas que riem...

Braços esqueléticos cingem-nos, alvuras fugitivas tocam-nos.

Um perfume passa, doce, mavioso, intangível. O perfume é musical, sente-se nêle a complexa gamma das nevroticas sensações.

E esse perfume acorda em nós lembranças suaves, mei-

Poemas... em prosa

gas reminiscencias de uma ventura apunhalada.

Cabelos loiros tocam-nos a fronte. Oh! os lindos cabelos de luz!... E o perfume envolve-nos numa carícia aureolante. E a alma da treva sorri.

Desenham-se fulgurantes arabescos na escuridão que nos rodeia... E um nome surge, e o fragor da procela emudece...

Noites sem fim! Noites tormentosas! Ah! porque não adormeço eu como as ceifeiras, docemente embalada pelas brisas frescas do norte?!

MARIA VELEDA.

O Perdão

Cortavam o ar fresco duma bela noite de inverno, ondas de som, que a brisa em beijos sucessivos roubava aos cantôres, e em recessos de vaga trazia até nós, ora a apagar-se em suaves murmúrios, ora deixando ouvir as ultimas silabas duma quadra popular...



D. MARIA A. PIRES CHAVES

que hoje de novo ilustra a nossa revista com o «esquisso» de um bonito quadro a óleo — trecho de paisagem do litoral algarvio, com o qual, a par de outros seus recentes trabalhos, figurará na proxima exposição dos Açores.



MAURICIO MONTEIRO
Redactor da Alma Nova

Cobria a aldeia um manto de estrelas lusentes, como lascas de diamantes rechicoteando raios de luz. E os astros, espargindo pela natureza as tonalidades do sonho e da poesia, davam aos cantos das *jancivras* aquele perfume tam característico e tam regional entre nós.

Fôra numa destas noites que Armando, entre sobresaltos de dúvida e esperança, rasgára a missiva portadora duma cruel recusa. O frio laconismo da resposta, penetrára-lhe no coração como acerado punhal, inoculando na ferida que lá ficou, todo o amargo fêl duma recusa, que o seu espirito, na tresloucada ardencia da paixão não admitia, receiava. Que interessantes variações psicologicas nos dá o inesplicavel sentimento do amôr!...

*

Terminam as férias; e Armando deixa a sna aldeia, esmagado pela saudade triste duns olhos, que fogem rebeldes ao seu amôr. Na exaltação mística do seu platonismo, ele corre em sonhos atraz do seu ideal, corre... corre... até cair abraçado á cruz do desespero duma brutal realidade. O seu amor alarga-se, engrandece-se, porque se não reparte, vive só para si, não se transmite na corrente magnética que liga os corações amantes.

*

Mais umas férias; e a friesa de Judith arranca a Armando sensações de luta íntima, que o genio arrancou um dia a Miguel Angelo ao acabar uma

O numero de hoje

Não é aquilo que esperavamos, é aquilo que no Algarve se pode obter. Os nossos esforços nunca desanimam, porém, e é com orgulho que reservamos para as festas do nosso 1.º aniversário a satisfação de muitos projectos que nem o trabalho mais esforçado hoje seria capaz de conseguir. O nosso intento agora é apenas o de bem evidenciar a todos o fim da nossa dedicação, tentando matizar do seu concurso a senda a que nos propuzemos.

Da parte do publico está, pois, o fortalecer a nossa iniciativa com a sua assinatura.

.....

O Espirito não morre

No collegio de Yverdon, sob a direcção exclusiva de Pestalozzi, as creanças brincavam, como não podia deixar de ser, mas, porque os mestres figuravam invariavelmente n'essas diversões, elas não atingiam provavelmente o grau de confusão, balburdia e desordem, que aí se vê nos varios estabelecimentos d'instrução e n'outros se ouve a muitas centenas de metros de distancia.

Não havia ali, (escreve G. Compayré), nem castigos, nem recompensas, porque não queria Pestalozzi nem emoluções nem temores.

O grande pedagogo recebia os alunos frequentes vezes por grupos de cinco ou seis; nos corredores e pateos destinados á recreação detinha-se tambem não raro e interrogava-os sobre cousas de estudo, fazendo-lhes ver sempre a conveniencia de ser-se instruido e bom.

«Não admittia outra disciplina além do dever, (escreve o autor citado), ou melhor: além do afecto, do amor; não era para os alunos, um mestre, era apenas o pae Pestalozzi, e todas as creanças eram seus filhos».

Se alguém nos ler, detenha-se n'estas linhas e procure travar relações com o homem superior a que elas se referem.

Ha grande vantagem em nos relacionarmos com certos mortos de preferencia a muitos vivos que, não obstante os seus defeitos, e portanto a sua nociva acção, aí fazem a delicia de muito ingénuo que para eles se chega.

Pestalozzi foi um dos mais sublimes espiritos que jamais teem vindo a este pobre mundo, e como se occupasse exclusivamente na ednecação das

LUMEN

A' Liga Nacional de Instrução

Iam pela algidez escura dos caminhos,
ha mil anos e mais as multidões errantes,
ensanguentando os pés nas garras dos espinhos
e erguendo para os céos os braços suplicantes...

Quando o instincto as levava á beira das tranquilas
margens do grande lago ou da planice anciada,
esgarçavam febrís as tímidas pupilas
num desejo de luz... e nunca viam nada!

— O vulto delicado e nobre das palmeiras
aureoladas de luz ao belo sol nascente;
o palpitante arfar das vagas altaneiras
a torcer-se, a rugir, estertorosamente;

tudo o que a Natureza, a bôa-Mãe offrece,
e um Saber Infinito ás multidões proclama,
desde a flor que nos ri, ao sol que nos aquece,
desde as aves do azul, ao raio ardendo em chama;

nada disso que é belo e grande as comovia,
nada disso encantava o seu olhar incerto:
— Cegos, nenhuma luz seu cérebro fendia!
— Cativos... e entretanto, em frente, o céu aberto!

Té que um dia desceu da luminosa altura
uma Visão extranha involta de clarões,
e esses olhos sem luz sorriram de ternura
e encheram-se de amor seus ermos corações...

— «Quem és tu, quem és tu, que a nossa escuridão
inundada de alegria e o céu nos vens mostrar?»

Chamou-os docemente a angelica Visão
e da Escola os portaes abriu de par-em-par:

— «Eu sou a gota ideal que apaga toda a sede;
sou a çarça que ardeu no tópo da Sinai...
Cegos, eu sou a Luz, abri os olhos, vêde!
Párias, sou a Justiça: erguei-vos, pois, falae!

Faro, 1914.

Rodrigues Davim.

A presente poesia, que é um dos harpejos mais belos da alma de Rodrigues Davim, foi recitada em Faro, em uma festa escolar, e publicada em alguns jornais, sem que o autor o soubesse, razão porque no-la enviou e porque com muito gosto a inserimos em as nossas paginas.

creanças, deixou na terra os necessarios elementos para que a sua alma não desaparecesse inteiramente com ele.

E' assim que na Suissa, a sua patria, ha disperso ainda hoje muito espirito que d'ele brotou, exactamente como na

America se encontram frequentes vestigios do espirito e da alma do Benjamin Franklin.

Luiz Leitão.

ALMA NOVA

Sae a 1 de cada mês. Só publica inéditos.

Vida Literaria

A *Alma Nova* faz a apreciação de todas as obras recebidas.

Dálías. — Eis o titulo de um mimoso livro do versos que Mario Pacheco, conceituado poeta e nosso illustre colaborador, nos acaba de oferecer.

Dálías é um perfeito bouquet de odorantes flores do seu jardim de sonho, que o inspirado autor, alma cheia de luz, ideal e harmonia, depõe no regaço da sua bem amada.

Vem! No meu peito ha muzicas ardentes,
Ha linos triunfaes de vida inquieta;
A minha mão nervosa de poeta
Corôa-te de rosas resedentes!

E' um livrinho tão util quanto belo. Depois de se o ler o nosso coração parece que fica mais crente e mais cheio de carinhos, e como que permanecemos por muito tempo meditando *De joelhos*:

Bendito o ceu, e sol que illuminau
O dia em que nasceste, ó meu amor!
Bendita a tua mãe! Bendito o alvor
De sonho que em tua alma despontou...

Bendito o teu olhar — um astro em flor —
Por ti, bendita a luz que em mim brilhou,
O fogo de poesia que abraçou
A minha vida inteira de esplendor.

Bendito o nosso encontro de erianças;
O doce abril a palpar de esp'ranças,
A primavera deste amor sem fim!

Bendita esta saudade, este sófrer!
O idílio roxo, ideal, deste viver,
E o bem celeste de te unir a mim!

Mario Pacheco já tem publicados, além d'este, os belos volumes, «Livro de Trovas», «Horas Claras» e «Hinos á Vida e ao Amor», que mereceram as mais lisongueiras referencias da critica.

Reconhecidos, pois, pela gentileza da oferta.

A Ceia dos Cábulas. — E' uma parodia, já se deixa ver, á Ceia dos Cardiaes de Julio Dantas. Firma-a o nosso camarada de redacção, José Dias Sancho, com a correção muito para ilogiar dos seus quinze formosos anos, onde já palpita a alma artistica do futuro poeta que ele será. Com muitos parabens, um abraço.

Entre outras obras recebidas, apraz-nos registrar a visita das seguintes publicações, com as quaes vamos estabelecer permuta:

A *Briosa*, brilhante folha academica de Coimbra, á qual agradecemos as palavras amaveis que nos dispensa; o *Portugal Filatélico*, interessante revista mensal, ilustrada, dedicada a todos os colecionadores, que amavelmente nos saúda, e que se publica em Braga; o *Despertar*, quinzenario academico de Vizeu; a *Revista do Bem*, pequena folha mensal de distribuição gratuita, em que o nosso illustre amigo e colaborador, sr. Luiz Leitão, expende os seus credos de *evangelizador da bondade e da beleza*; o *Mundo Moral*, órgão das Ligas Anti-Alcoolica, da Moralidade Publica e Anti-Tabagista, e a *Lanterna*, bela revista politica semanal: órgão do partido indiano, que se publica em Orlim, India Portuguesa.

Canção do Nauta

Neste mar largo d'escolhos,
Onde navego á porfia,
Só vejo a luz dos teus olhos
Como um farol que me guia.

Sou do mar, sou navegante,
Tenho o amor por transporte.
Tu és a estrela brilhante
Que ao longe marcas o norte.

Nesta noite nevoenta
Se naufragar, vou morrer...
Contra as furias da tormenta
Só tu me podes valer!

Oh minha esp'rança tam qu'rida!
Oh minha luz, minha estrela,
Não deixes fugir-me a vida
Entre os uivos da procela!

Do mar da vida lá veem
As ondas ao meu batel;
E a agua que as ondas teem
E' mais amarga que o fel.

Se acaso não me faltar
Dos olhos teus o clarão
Talvez eu possa aportar
Num porto de salvação...

Reis Varela.

ARTE ALGARVIA



CAMINHO DO ROSAL — ESTOI (Desenho de Lyster Franco)

DO LODO

Para as almas 'studar de seres miseraveis
a imundos antros fui, negras cavos descí,
e andei em confusão com entes condenaveis:
Prevertidos, ladrões, rameiras execraveis,
o mais vicioso e tórpe em tudo quanto vi...

Servia-me de pena o bisturí acerado.
Cheguei,— ancia da Luz! — disposto á incisão;
pungi, rasguei, cortei, e — Oh prazer ignorado! —
aquêl'mundo viscoso, pôdre, gangrenado,
valia mais que o nosso... Tinha coração!

(E. Montanchez)

M. M. M.

Aniversarios:

Fazem anos: hoje, D. Maria Alves Cavaco e Vicente Cipriano Rodrigues Mendonça, d'Alte; dia 3, D. Serafina Carvalho Silva, de Faro, e D. Luiza e Alice Celeste Alvaro, de Tavira; dia 5, Alfredo dos Reis Cunha, de Faro; dia 11, o 20.º aniversario da morte de João de Deus; dia 19, José Carlos Ferro, de Faro; dia 12, o 4.º aniversario da morte de Mario Ramos; dia 26, D. Maria dos Santos Silva, de Faro, e dia 31 — Feriado Nacional — comemoração das primeiras tentativas para a fundação da Republica.

“Diario de Noticias”

Festejou no dia 29 do p. p. o cincoentenario da sua publicação, este importante diario de Lisboa, honra e brio da imprensa portugueza.

Para comemorar tão faustoso dia, apresentou-se-nos garridamente vestido de 36 paginas, que são uma verdadeira enciclopedia dos conhecimentos de meio seculo.

Associaando-nos ao jubilo que a entrada em um novo ano traz ao nosso illustre colega, protestamos os nossos maiores desejos de ver continuar honrando-nos quem tão lidima e rectamente sabe proseguir no campo glorioso e belo da verdadeira imprensa, — tão rara no nosso paiz.

❖ FIGURAS ALGARVIAS ❖

Lyster Franco

estatua que era o modelo mudo da realidade:

— Porque não falas tu?...

Assim era Judith para Armando; nem uma palavra. Apenas um olhar mudo, vago, aparentemente inexpressivo, ocultando ao psicólogo astuto um mar revolto de emoções incontidas.

*

Estam á porta as férias do Natal. Corre longo um ano de saudades, tristezas e sonhos, que os olhares de Judith acendiam, ora em chamadas de esperança, ora de desespero.

Cortam de novo o silêncio da aldeia os cantos das *janeiras*. Desta vez a lua quiz ver a cara aos cantores, banha-los na sua luz fresca, oscula-los pela sua serenata.

A' porta de Judith, um grupo de *janeiros* da elite da terra, atira ao espaço os estribilhos duma canção local. Nesse grupo está Armando. Morrem no ar suave as ultimas vagas de som, soluçando numa quadra a palavra *amor*...

Judith corre solicita a receber os cantôres.

Do grupo sai uma jovial pergunta:

— Vem dar-nos o perdão, D. Judith?

— Não, meus senhores, venho pedi-lo a *alguem*.

Impelidos por um sentimento estranho, os amigos de Armando retiram-se.

Atordoados, mudos em frente um do outro, sentindo as suas mãos trementes, apenas se ouve, por momentos, um arfar agitado:

— Armando!... Judith!...

E num acesso de incontinentes desejos tumultuantes, os labios esmagam-se num beijo, entrelaçando a doce palavra: *Amôr!*...

Lisboa, 17-12-914.

MAURICIO MONTEIRO.



LYSTER FRANCO



Trocho do Algarve — Horta da Atalaia

(Esprisso a óleo de D. Maria A. Pires Chaves).

Honramo-nos hoje em prestar homenagem a esta ilustre figura algarvia, artista distinto e escritor de apreciadas qualidades.

Lyster Franco, retratando na expressão harmonica dos "claros e escuros" todo o encanto e grandeza das nossas paizagens, não só vem contribuindo todos os anos com os mais preciosos documentos para o bom nome e propaganda da nossa provincia, como embevecendo do sonho que inunda toda a paizagem algarvia a alma poetica dos seus com-provincianos. Pena é que o indigena seja um auxiliar tão ingrato das belas iniciativas.

Ainda não ha muito tempo, falando-se de Ataíde d'Oliveira, o sabio arqueologo e investigador incançavel, a quem o Algarve tanto deve, tivemos que declinar a cabeça sobre esta triste verdade: — Quasi ninguem o lê.

De facto; e o admirado investigador, já abatido pelos anos, parece que vai agora publicar a sua ultima obra.

Lyster Franco, porém, ainda forte, quase joven, só se nos lamenta que o algarvio não seja mais afeiçoado ao formoso genero que com tanto amor cultiva. E tem carradas de razão. Quem tão dedicadamente sabe manejar o lapis e tão produtivamente vem dispensando as locubrações do seu talento á causa do nosso nome, razão é basta para que o saibamos mais dignamente apreciar e merecer.

Nas tres exposições por sua iniciativa realisadas em 1908, 1909 e 1912, expor respetivamente, 53, 75 e 35 quadros, quase tudo paizagem *au fusain*, onde, como raros, Lyster Franco sabe ser artista de inegavel apreço.

Duas palavras á memoria de José Maria Pacheco

A Prece do Natal

Faz hoje um mês que morreu José Pacheco.

A tristeza que causou a sua morte inesperada ainda se não dissipou dos corações amigos e a saudade que temos dele é agora mais profunda e mais amarga! E' que estamos nas ferias do Natal e a sua falta sente-se! Eram estas as primeiras ferias em que ele viria á sua terrinha, vestido na sua linda e invejavel farda de aluno da Escola de Guerra! Eram estas as primeiras festas que ele, como moço cheio de vida, experimentaria o grande prazer de ostentar ás *pequenas* da sua terra (que ele muito admirava), o doutorado dos seus galões, que lhe custaram tantos trabalhos e tantos sacrificios! Infelizmente, essa sua aspiração, própria do orgulho dum moço que trabalha, não se realizou; e a sua farda, em vez de estar hoje entre nós a expedir chispas douro ao lindo sol do Algarve, jaz com ele — que horror! — no fundo duma cova.

Coisas deste mundo!

Ele que começava agora a saborear da vida o que que até aqui não tinha saboreado, pois que a juventude, que, para a maior parte, se passa sob um céu azul de sonhos e fantasias, passara-a ele chorando a morte de sua mãe — o ente que mais luz derrama no coração humano.

Ultimamente, já homem, perdeu mais aquele que lhe era protetor e doce amparo — o seu saudoso pai.

Mas, apesar de estas fatalidades que lhe encerraram a alma num horisonte de ferro, ele continuou os seus estudos e, subindo, pela encosta pedregosa em que a sua vida se apresentava, conseguiu atingir o seu fim ultimo — um futuro garantido. Mas, exactamente como se alguém tentasse subir a um monte elevado para desfrutar um magnifico panorama e mal lá chegasse o horisonte se fechasse a dois metros ou a luz dos olhos se apagasse, assim foi ele.

Era um bom, possuía uma alma candida como nos revelam alguns dos seus escritos.

Não havia ainda muitos dias que tinha entrado na Escola de Guerra e já lá tinha em cada colega um amigo.

Mas, porque era um bom, não era um fraco, um tímido; era um valente, um arrojado; e em toda a sua vida de estudante o mostrou.

Quem com ele conversasse, adivinhava logo a dedicação enorme que tinha pela carreira que seguia e, igualmente, o verdadeiro amor patriótico que o animava. E isto leva-nos a crer que José Pacheco seria um dia nas fileiras do exercito um bravo militar, que honraria a nossa terra e orgulharia os louletanos.



O seu caixão foi coberto pela bandeira nacional, como se faz aos grandes patriotas e aos heróis! E' que ele era na verdade um patriota e um herói! Herói, porque soube combater energicamente na grande batalha da vida.

A "Alma Nova" publicando o seu retrato, não faz mais do que traduzir o desejo de todos aqueles que com ele conviveram.

E presta assim uma sentida homenagem á qual eu me associo com esta fervorosa supplica:

— Que as saudades dos seus colegas se transformem, por um milagre de Santa Isabel, numa chuva de rosas por sobre a sua campa, e que as lagrimas dos seus amigos, sejam, por um poder de Deus, gotas de bálsamo para a inconsolavel alma de sua familia! Loulé.

José Guerreiro Murta.

Nota.—No proximo numero publicaremos alguns dos escritos que José Pacheco nos deixou.

— O' Mamã! E' hoje a vespera do Natal, pois não é?

Era um pequerrucho de 5-anos, se tanto, que, graciosamente, fincaado o queixo ao peito, fazendo pregas ao cimo do pescoço, se dirigia a uma senhora nova ainda, mas em cujo rosto o estigma do sofrimento cavara fundo, fazendo-lhe o frescor.

Estava vestida de preto, e sobre os ombros trancara como agasalho uma mantilha tambem preta.

Levava de vez em quando, nos dedinhos de fuso, aos olhos humedecidos, um lenço branco, tão branco como o desbotado das snas faces. E chorava!

A's palavras da creança levantou o olhar da costura e respondeu em voz real timbrada:

— Sim, meu filho; porque perguntas isso?

— E' que se a manasinha fosse viva tambem ia hoje comigo pôr o sapato na chaminé, para o menino Jesus lhe dar outra boneca; eu chorei tanto quando se quebrou a outra!

A boa senhora levantando a mão enervada descansou n'ela a fronte e solçou por momentos, depois pegando subito no filho enlaçou-o a si, acocorou-o ao côlo.

Afagou-lhe os cabelos enlourados, beijou-lhe os olhos e boea viçosa, soffrega e demoradamente como que receando lh'o roubassem.

Disse por fim: — Lembras-te da tua manasinha? Gostavas muito d'ela?

— Sim, sim, respondeu a creança, aneigando com as pequenas mãos o rosto da mãe. E foi tambem na vespera do Natal que a mamã disse que o menino Jesus a tinha vindo busear, não é verdade?

— E' verdade, repetiu a mãe pensativa; faz hoje um anno que Nosso Senhor m'a roubou. E desde então, disse como n'um murmúrio d'alma, a nossa alegria envoou-se.

Pousou a creança no chão e disse-lhe: — Continua a brincar meu amorzinho. Has-de ser sempre amigo da mamã, sim?

— Sim, sempre! respondeu o petizinho e continuou a palrar na sua graciososa algaravía infantil, rodeando com os bracitos o pescoço da mãe, apertando-a contra o coração quanto lh'o permitiam as suas débeis forças.

Beijou-a mais uma vez e depois foi sentar-se novamente no chão sobre um tapete, perto da janella, entretenendo-se com os pobres *bonitos*, seus encantos nas horas d'oéio.

Lá fóra, na rua, chuvejava com impertinencia. No passeio fronteiro viam-se passar crenturas de chapu de chuva abertos, curvados os bustos, friorentamente, a gola levantada.

Na pouca espaçosa sala a luz fraca do sol-posto finha como o céu brumoso d'aquelle dia de inverno num tom triste que melancolisava.

A mãe seguiu por instantes com a vista os movimentos do filho, e quedou-se pensativa, a testa enrugada, os labios contraídos. E' que as palavras do pequenito tinham-lhe avivado uma chaga que ainda sangrava no seu coração.

A morte da sua adorada fillinha! Tinha sido o primeiro golpe.

Foi terrível! Revia-a no pequeno caixão, muito branca, com o mesmo sorriso d'então, como a dizer aos que a pranteavam: não necessito choros, preces, Deus chamou-me, estou em seu seio!

E podia morrer iniquamente aquela parte da sua alma?!

Só se convenceu da realidade quando lh'a arrebataram para sempre... quando o caixão foi fechado e levado para o cemitério!...

O abalo que sofreu foi tão violento que teve de recolher à cama.

Começou aí o seu infórmio.

Pagar a medicos, os remedios, os alimentos escolhidos, etc. Em tudo isto se despende muito dinheiro.

Deixou de trabalhar e o marido posto que fosse incansavel, não podia angariar o preciso para tão grandes despesas. O peculio, o que eles tinham conseguido juntar para os *pequeninos*, como diziam, dissipou-se em pouco tempo! E convalescente retomou o trabalho; eis porque a sua cura não podia ser completa.

E fazia n'aquelle dia um anno! Era a vespera do Natal e, segundo a creença de todas as crianças, o pequeno Carlos ia pôr na chaminé o tradicional sapato!

Que tinha ela para lhe dar? Nada!...

— Mamã!, tornou o pequeno, é certo que o Menino Jesus gosta que os meninos resem pelos mortos?

— Sim, meu filho, e porquê?

— E' cá uma cousa minha. E foi sentar-se de novo.

No outro dia pela manhã o sapato lá estava, polvilhado da fuligem que o temporal da noite arrancara das paredes da chaminé.

O pequenino Carlos depois de beijar a mãe correu á cosinha.

Coitadito!, pensou a mãe com o coração contrangido, vaes sofrer uma decepeão! Vaes julgar que o Menino Jesus já não gosta de ti!

Mas qual não foi o seu pasmo quando vê o Carlinhos muito alegre, empunhando glorioso o sapato, levantando-o bem alto.

— Mamã! Mamã! O Menino Jesus ouviu-me!!!

— Mas o que foi?!

O pequeno chega-se a ela e diz quasi ao ouvido:

— E' que eu esta noite pedi muito ao Menino Jesus que em lugar de me dar a minha prenda do Natal a fosse levar á mana. E ele ouviu-me, porque ela não está cá!

José Pavia de Magalhães.



Aos nossos colaboradores

Por falta de espaço não podem ser todos mencionados no presente numero. Com muitos agradecimentos, pela manciara agradável como respondem aos nossos committes, as nossas muitas desculpas, então.

POR LISBOA

Cronica de Arte

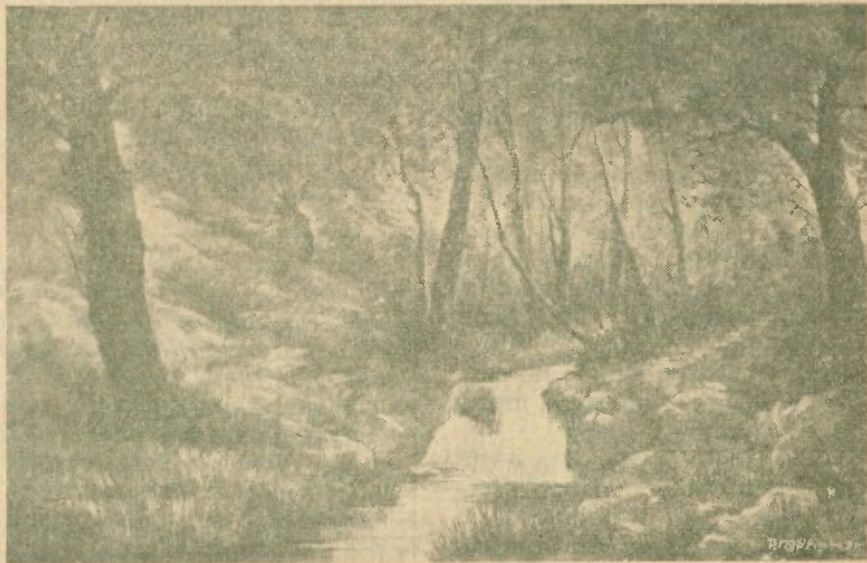
As exposições de Pintura

* * *

A guerra, chamando em seu redor todas as atenções, interessando novos e velhos, homens e mulheres, leigos e artistas, não prejudicou só a Arte arrazando-lhe os preciosos tesouros e reduzindo a cinza o mais rico do seu patrimonio. Fez mais. Não só aniquilou o já criado, mas opoz tambem uma barreira ao apenas concebido:—matando a produção e

Chegou Dezembro, — mês de exposições, de concertos e de livros. E a Arte appareceu, como sempre, radiosa e cheia de luz —no fácies estampado esse sorriso alegre de bem estar, essa singelêsa contente de uma vida calma —, a lembrar-nos, ainda, o bom tempo de paz em que fôra concebida.

ARTE ALGARVIA



PARAIZO — CALDAS DE MONCHIQUE (Desenho de Lyster Franco)

o aparecimento dos que desvelada e conscienciosamente cultivavam «la grand doéssé», ora forçando-os a tomar parte no grande massacre, ora baixando-lhes o pensamento para locubrações mais positivas.

Kaiser Wilhelm, do seu palacio em Berlim, estendendo o corpo ossudo de sobre as botas apolimentadas — rigido como um automato, brutal como um caserneiro, impulsivo como um degenerado, que é — arrepelou as «gnias» peçonhudas, envicou quatro ordens soldadescas e poz todo o Velho Mundo — quasi! — em fogo.

Ribombaram canhões arruinando vilas; moveram-se assaltos. E o luto caiu sobre as familias ensimesmando-as e levando-as a essa ancia de isolamento que caminha sempre após a Dôr. E todos — num egoismo comprehensivel — só pensavam em si e nos seus...

Assim mesmo, porém, revelou-se aos poucos, de receio, a mêdo: a guerra — a mais brutal de todas as violencias, porque só tenta atingir liquidando o que ha de mais novo, de mais forte, de mais belo, de mais cheio de sangue vivo, de mais cheio de esperança forte — a Juventude — amedrontou-a... Viram nela os creadores de quadros e de estatuas, de poemas e de cantos, a «aniquiladora do futuro da Humanidade» — como lhe chamou Mirbeau — a liquidadora de todos os Novos. E por isso que é só aquella que eles tentam embelezar e dignificar com os seus pinceis, o seu cinzel, as suas rimas, as suas *frases*, deixaram ficar num esquecimento que a todos nós magôa — na quietação triste dos seus «ateliers» as melhores obras realizadas. Não pensaram mais em expô-las. E o Mundo, o Público, os

Iniciados, nós todos, perdemos assim umas horas de elevação espiritual, de verdadeira integração no Belo, no Alem-Vida.

* * *

Cá fóra, que saibamos, apenas dois artistas deram conta do que produziram nos seus recolhimentos, do que completaram nos seus meses de estudo:—Alves de Souza, na aguarela, Renda, no oleo.

Por isso que tencionamos, nestas crônicas descuidadas, anunciar e apreciar o que fôr aparecendo de novo e de artistico nesta cidade de Lisboa, onde — no dizer de Camões — «as damas chamam como pucariño novo com agua» — desde já consagraremos um pouco da nossa prosa á apreciação desses dois artistas.

Alves de Souza, expondo no «Picadilly», pouco ou nada tem de recomendavel, de em absoluto digno de louvor. Aguarelas vulgares, umas; outras quasi «transcendentes». Muita côr, muito mar, muita vaga, muito tanger em quadrinhos de confuso colorido e, em somma, muito pouca realidade.

Chamar-lhes resumida e sinteticamente «obras ruins» seria um excesso. Não podemos, no entanto, elevá-las, um minimo que seja, acima de «obras de um artista vulgar».

Nota interessante: em cento e tantos quadros expostos, apenas quinze ou vinte vendidos. Ruins tempos? O publico já sabendo o que compra?

Talvez uma coisa e outra; talvez nenhuma delas.

Renda expõe na *Ilustração Portuguesa*. É uma meia centena de quadros, em que ha um pouco de tudo: paisagem, figura, ornamentação, naturêsas mortas, esbôços, etc., etc., etc.

Filiado nessa corrente moderna a que o publico lisboêta deu em chamar «alemã», soube compreendê-la, atenuando-lhe os exagêros. Não é positivamente destes senhores artistas que economisam «traço», dependendo tinta, que escondem falhas de desenhos, apresentando abundancia de «bisnaga». Substitue, é certo, um pouco o pincel pela espátula, mas fá-lo com consciencia. E assim

é superior na paisagem (onde se destaeam uns quatro belos quadros); é boni nas naturêsas mortas e é regular, mediocre mesmo, na figura e na ornamentação. Dos esboços ha um, na verdade, interessante.

* * *

E a isto se resume o que, até agora, de Arte pictural se tem revelado em Lisboa. Não houve o reaparecimento desse vivo conjunto de aguarelistas que o ano passado apreciámos na Sociedade Nacional das Belas Artes; não houve Salão dos humoristas; não houve os destemperos modernistas de Made-moiselle Hilly Tossóz, e nem se sabe mesmo o que ainda haverá.

A guerra a todos interessa e a todos distrae. Quadros? Só os do *Petit Journal*, do A. B. C., da *Esfera*, do *Je sais tout*, —

monstruosidades pavorosas onde, como ha pouco eu ví, se destae toda a tragedia de uma granada rebentando sob uma banda alemã, despedaçando musicos, machucando instrumentos e atirando com o proprio regente—mas esse inteiro e socegado, batuta na mão, partitura em frente dos olhos, farda composta e bem decorada, a cara numa contracção que se não sabe se é de medo se de comoção artistica — mares e ventos, através o espaço infinito, até ir — quem sabe? — numa ascensão continua, estabelecer séde o regencia na côrte celestial, perante o côro das onze mil virgens...

Que o demonio são alguns *artistas*—quando lhes dá para «impressionar».

Lisboa, 15 Dez. 914.

A. BURSTORFF.

Se ante o horrído estertor das humanas avalanches, que medonhamente se chocam no atual momento, pode admitir-se um instante em que as familias, enlaçando-se em abraços de puro sentimento ousem fruir um lapso de harmonia, enviando uma saudade bem funda aos que pela causa dos nossos brios e do nosso nome vão juncando do seu corpo os campos tetricos de Africa, e cingindo ao nosso peito a ideia de uma breve e provavel era de paz, amor e harmonia, na recordação suave das eras ascendentes, a todos os nossos colaboradores, leitores, amigos, assinantes e anunciantes, fazendo votos por que celebrem um Natal cheio da paz humidade, e do sorriso franco e bom d'Aquele que a tradição comemora, lhes auguramos um Novo Ano cheio de prosperidades.

Palcos & Cinemas

S. Carlos—Continua em scena a peça de extraordinario sucesso, «O Gavião».

Para breve, a nova peça de Marellino Mesquita, «Pedro, o Cruel», a qual já o apreciado dramaturgo entregou á empreza. Eduardo Brazão desempenhará o papel do protagonista.

Nacional—Palpitantes e aplaudidas as ultimas representações neste teatro. As interessantes peças, «O Morego» e «Ins-tre desconhecida» tem merecido os mais rasgados illogios, e é de prever a afluencia do publico á nova peça que ainda esta epoea entrará em cena, «O Fausto», de Goethe, adaptação devida á pena brilhante do nosso distinto comprovinciano Dr. Coelho de Carvalho.

Politeama—Tem sido simplesmente atraentes as ultimas representações nesta galante casa de espectaculo. «A Garota», peça adequada ao nosso meio, merecendo todas as atenções do publico alfaceinha, embora já de ha bastante tempo no cartaz, continue sempre a ser reeebida entre os mais franceas applausos. Aura Abrianches, a gentil filha da tão conhecida Adeline, não nega a descendencia. Que garota!

Avenida—Belas as representações quanto a é a revista «Cen azul», de ha quase duas semanas no cartaz. Palmira Bastos, a tão suave e inteligente atriz, Amelia Pereira e Nascimento Fernandes, não cessam de ser aplaudidos.

Teatro da Trindade—Ainda em cena a preciosa revista de Selwalbach, «Verdades e Mentiras». Muito breve, a magia de Eduardo Garrido, musica de Cirilano, «O relógio magico».

Apolo—Entra hoje em cena a peça de grande espectaculo «Águia Negra».

Coliseu dos Recreios—Encontra-se de novo neste imponente teatro a Companhia «Caramba», de opera comica que na epoea passada tantas saudades nos deixou.

Olimpia—As mais belas fitas e a mais fina sociedade. Ultimamente o «Rato azul» tem ocasionado enehentes colossais.

Chiado Terrasse—Dos mais belos animatografos de Lisboa. Fitas escolhidas e interessantes.

Coliseu de Lisboa—Grande Palacío Cinematografico.—Todas as noites deslumbrantes e senionais programas

ADUBOS

de toda a especie

O. HEROLD & C.^A

Sucursal em FARO

Rua D. Francisco Gomes, 45

ONDE

Se executam todas as transacções

ORIZALINA

A mais bela e segura pintura para tingir o cabelo. Productu absolutamente inofensivo e de resultado garantido. Pinta em todas as cores.

À venda em Tavira, na

Farmacia do Monte-pio Tavirense

Deposito geral—FARMACIA BARRETO

Rua do Loreto, 24 a 30—LISBOA

Telefone n.º 3098

Motores inglezes a gazolina KELVIN

São os melhores e mais economicos para barcos de pesca, recreio e reboque.

Ha varios motores no Algarve applicados a barcos de pesca e reboque com magnifico resultado.

A firma Mascarenhas Judice Limitada, acaba de instalar um motor 40 H. P. n'um galeão para pesca de cerco americano.

Economia de mais de 400\$000 réis por mez, em relação aos vapores.

Agentes em Portugal:

A. de Mascarenhas Judice

PORTIMÃO

Caldas de Monchique

Tratamento

Pelas aguas termaes—nas doenças de estomago, pele, reumatismo.

Pelo tratamento natural—dá resultados surpreendentes em doenças dos intestinos, nervosas, ossaes, diabetes, anemias, gordura, etc.

Hotel Central—Hygienico. Regimens adequados ás doenças. Diarios de 1\$100 a 1\$300 réis.

Hotel Popular—Aceado e economico. Diarios de 800 e 1\$000 réis.

Medico director **Dr. Bentes Castel-Branco**

FABRICA INDUSTRIAL 1.º DE MAIO SERRALHARIA MECANICA E CIVIL DE MANOEL CARVALHO FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE

Rua Infante D. Henrique, 186—FARO || Construção de poços Artesianos—Vendem-se materiaes para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis.

Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição.

Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas.

Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

Preços sem competencia

Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica.

A. MARTINS PAULA

CIRURGIÃO-DENTISTA

— PELA —

Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Clinica de bôca e de dentes

DENTES ARTIFICIAES

Rua Conselheiro Bivar, 15, 1.º

FARO

Livraria das NOVIDADES

— DE —

Antono dos Santos Capela

Rua da Marinha, 15—FARO

Livraria, Papelaria, Loterias
e Tabacos nacionaes e estrangeiros

Neste estabelecimento vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras scientificas! Recebem-se diariamente todas as novidades literarias, jornaes de modas, figurinos e publicações.

Grande sortimento em bilhetes postaes

Assinaturas permanetes de todos os romances e mais obras.—Descontos aos revendedores e estudantes.—Encadernações a preços resumidos. Agente das principaes casas de Lisboa.